

UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
Curso de Especialização em Educação Infantil

MARIA DO CARMO SANTIAGO SILVA

**AS CONCEPÇÕES DE PROFESSORAS DA PRÉ-ESCOLA SOBRE A
BRINCADEIRA DE FAZ DE CONTA DAS CRIANÇAS**

Fortaleza
2012

MARIA DO CARMO SANTIAGO SILVA

**AS CONCEPÇÕES DE PROFESSORAS DA PRÉ-ESCOLA SOBRE A
BRINCADEIRA DE FAZ DE CONTA DAS CRIANÇAS**

Monografia apresentada ao curso de Especialização em Educação Infantil da Universidade Federal do Ceará, para obtenção do título de Especialista em Educação Infantil.

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Sílvia Helena Vieira Cruz.

Fortaleza
2012

MARIA DO CARMO SANTIAGO SILVA

AS CONCEPÇÕES DE PROFESSORAS DA PRÉ-ESCOLA SOBRE A
BRINCADEIRA DE FAZ DE CONTA DAS CRIANÇAS

Monografia submetida à coordenação do curso de Especialização em Educação Infantil, da Universidade Federal do Ceará, como requisito para obtenção do grau de Especialista em Educação Infantil.

Aprovada em/...../.....

BANCA EXAMINADORA

Prof.^a Dr.^a Silvia Helena Vieira Cruz (Orientadora)
Universidade Federal do Ceará (UFC)

Prof.^a Dr.^a Georgia Albuquerque de Toledo Pinto
Faculdade Integrada do Ceará (FIC)

Profa. Ms. Ticiania Santiago de Sá
Universidade Federal do Ceará (UFC)

À minha família e aos amigos que de alguma forma me incentivaram com palavras de apoio para que eu não desistisse desse trabalho.

AGRADECIMENTOS

A Jesus Cristo, por ter enviado verdadeiros anjos de luz para iluminar minha vida e me permitisse seguir em frente lutando para que todas as crianças tenham o direito e condições de brincar.

À Silvia Helena Vieira Cruz, professora dedicada e qualificada a exercer a arte de educar de forma esplêndida.

Às professoras sujeitos da pesquisa, pela disponibilidade e atenção em dividir comigo um pouco do que sabiam sobre o tema.

Às colegas do curso de Especialização, por compartilhar momentos de alegrias e angustias de profissão.

Às professoras do curso, por terem me motivado a estudar com varias contribuições teóricas importantes para nossa reflexão da prática.

À Rosimeire Costa de Andrade Cruz, por ter me instigado de alguma forma, a nunca deixar de fazer “Piquete”, pois no sistema em que vivemos só conseguimos as coisas lutando sempre, e o piquete é uma estratégia importante.

Às minhas queridas irmãs, por terem compreendido esse momento de estudo.

Aos queridos sobrinhos Davi, Paulo, Daniel e Beatriz pelo carinho e atenção.

Aos camaradas Felix e Carlota, pela solidariedade.

Às queridas companheiras de trabalho Sandra Felix, Vanilsa Maia e Fernanda Pinheiro, pela solidariedade e compreensão.

À Luciana Bayer, a pessoa “insolente”, no sentido figurado, mais maravilhosa que eu conheci.

A todos os colegas e amigos que de alguma forma torceram para que eu concluísse esse trabalho.

RESUMO

Este trabalho teve como objetivo geral analisar a compreensão de professoras da pré-escola sobre a brincadeira de faz-de-conta das crianças. Para que isso pudesse acontecer, foram realizadas entrevistas semiestruturadas com três professoras que trabalham com crianças de quatro e cinco anos numa escola pública municipal de Fortaleza. Nesse processo, elas expressaram o que pensavam sobre a brincadeira de faz-de-conta na etapa da educação básica, sobre qual papel exerciam nessas brincadeiras e sobre qual sua importância na Educação Infantil. A pesquisa foi apoiada nas contribuições de Vigotski (1998) sobre o papel da brincadeira no desenvolvimento da criança. Tais contribuições constituíram sua principal fonte de fundamentação teórica. Os dados obtidos neste estudo indicaram que as professoras têm pensamentos bem diferentes sobre o brincar de faz de conta na Educação Infantil. Vale destacar que, por mais que externem de modo divergente o que pensam sobre a atividade de brincar das crianças, não podemos julgar a sua dedicação à Educação Infantil por suas falas. Essas ideias podem ser fruto do pouco aprofundamento teórico a respeito dessa importante atividade, o que sinaliza a necessidade de formação continuada sobre esse tema.

Palavras-chave: Brincadeira de faz de conta. Opiniões de professoras.

SUMÁRIO

| | |
|--|----|
| 1 INTRODUÇÃO | 8 |
| 2 BASE TEÓRICA..... | 13 |
| 3 METODOLOGIA..... | 20 |
| 4 AS PERCEPÇÕES DE PROFESSORAS SOBRE A BRINCADEIRA DE FAZ DE CONTA..... | 23 |
| 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS | 31 |
| REFERÊNCIAS | 37 |
| APÊNDICE | 39 |
| ANEXO..... | 41 |

1 INTRODUÇÃO

*As pessoas crescidas nunca compreendem nada sozinhas. É chato para as crianças ficarem sempre dando explicações.
(Antoine de Saint-Exupéry)*

Trabalho como professora de educação infantil desde 2004, em uma escola municipal de Fortaleza. No entanto, nunca tive a oportunidade de parar para refletir como a brincadeira é importante e necessária para o desenvolvimento da criança e, portanto, deve ter um papel de destaque na pré-escola. Somente a partir das reflexões que fiz sobre minha prática pedagógica durante Curso de Especialização em Educação Infantil promovido pelo Ministério da Educação e realizado pela Faculdade de Educação da Universidade Federal do Ceará, foi que passei a oportunizar mais espaços e mais brincadeiras para as crianças. Se antes, elas eram feitas apenas de forma dirigida, após estudar as concepções de criança e compreender melhor o seu desenvolvimento, especialmente quando brincam, comecei a dar mais atenção a esses momentos nos quais as crianças vivenciam os vários tipos de brincadeiras. Porém, observando as brincadeiras das crianças da escola em que leciono, fico bastante preocupada pelo fato de que em algumas delas há violência, chegando até a machucar um dos participantes da brincadeira.

A partir dessas observações, o meu interesse foi se ampliando progressivamente, me deixando mais motivada a pesquisar sobre a brincadeira e sua importância na Educação Infantil para o desenvolvimento integral de meninos e meninas. Assim, resolvi dedicar o meu trabalho de monografia ao estudo das brincadeiras de faz de conta.

Segundo Kishimoto (1999) entre outros autores Caillois (1958), Huizinga (1951), Henriot (1989), Fromberg (1987) e Christie (1991a e 1991b), realizaram estudos sobre a brincadeira e apontaram o que consideravam as suas características.

Huizinga (1951, apud KISHIMOTO, 1999, p. 23-24) não toca na questão das brincadeiras dos animais irracionais, ele indaga somente sobre as que são construídas no meio social. Para ele, alguns elementos particulares da brincadeira são:

a) livre escolha: uma característica fundamental do jogo infantil é ser uma atividade voluntária; assim, só pode ser considerado jogo quando escolhido livre e espontaneamente pela criança; caso contrário, é trabalho ou ensino; a não literalidade: nas situações de brincadeira, a realidade interna predomina sobre a externa; o sentido habitual das coisas é substituído por um novo: o ursinho de pelúcia pode servir como filhinho e a caneta pode representar uma espada;

b) efeito positivo: o jogo infantil é normalmente caracterizado pelo prazer ou alegria; o sorriso é uma expressão da satisfação que a própria realização da brincadeira produz; assim, a brincadeira traz inúmeros efeitos positivos a vários aspectos da criança;

c) flexibilidade: em situações de brincadeira, as crianças experimentam novas combinações de ideias e de comportamentos e de solução de problemas; portanto, essa atividade favorece que a criança torne-se mais flexível e busque alternativas de ação;

d) prioridade do processo de brincar: embora a criança brinque sem preocupação com os resultados da brincadeira, sua atenção está concentrada na atividade em si; pode-se dizer que o objetivo da criança é brincar¹;

e) controle interno: os próprios jogadores é que determinam o desenrolar dos acontecimentos ao longo do jogo infantil, o que é uma situação bem diferente do uso que um professor pode fazer de um jogo educativo em sala de aula: se ele não apresenta escolhas às crianças, mas decide tudo a ser feito, não dá aos alunos liberdade e controle interno, predominando a sua direção.

O mesmo autor também considera que a brincadeira de faz de conta tem um caráter “não sério” (no sentido de não ser “vida real”), mas isso não significa dizer que a brincadeira não seja séria, pois ela realiza-se com muita seriedade, por isso a criança a realiza com toda sua dedicação, pois brincar para ela é coisa séria. Huinzinga (1951, apud KISHIMOTO, 1999, p. 24) considera que a brincadeira não tem ligação ao cômico ao engraçado, apesar de, em muitos momentos, este lado “engraçado” estar presente na brincadeira.

¹ Nesse sentido, é bom lembrar que o jogo educativo, utilizado em sala de aula, muitas vezes, desvirtua essa característica ao dar prioridade ao produto, à aprendizagem de noções e habilidade

Embora vários autores citados anteriormente acreditem que as brincadeiras sejam momentos em que as crianças sentem prazer, muitas ocasiões de brincadeiras contêm também o desprazer. Esse é o caso, por exemplo, de uma brincadeira de faz de conta envolvendo uma morte ou ausência indesejada. Para a Psicanálise, em casos semelhantes a criança estaria procurando lidar com essa situação desagradável, o que seria uma função positiva da brincadeira para o bem estar emocional da criança.

Conhecendo e me apoiando nas pesquisas realizadas por outros autores, fui me sentindo mais motivada e interessada a desenvolver esse tema em minha monografia. Por exemplo, conheci as pesquisas de Nascimento (2004) e Colling (2010). O primeiro autor investigou a criatividade e a brincadeira de faz de conta nas concepções de professoras da Educação Infantil utilizando entrevistas, questionários e videografações. Através desses instrumentos foi possível constatar que as professoras tinham visões diferentes sobre a criatividade das crianças na brincadeira de faz de conta: enquanto umas expressaram ideias que foram classificadas como inatistas, outras trouxeram ideias espontaneístas e as demais mostraram concepções construtivistas. Embora a maioria aponte para uma visão construtivista, as videografações indicaram que, quando falam ou escrevem no momento das ações diretas com as crianças, a brincadeira de faz de conta aparece em segundo plano, não sendo dada uma maior atenção à espontaneidade e criatividade das crianças.

A segunda autora, Colling (2010), analisou a compreensão de professoras da Educação Infantil sobre as brincadeiras de faz de conta das crianças e das culturas infantis. Nessa pesquisa é ressaltado que a Pedagogia está preocupada em construir um “futuro” para as crianças esquecendo-se do presente e, em nome desse almejado futuro, elas são privadas de brincar espontaneamente nas instituições escolares que frequentam. A autora ressalta que, nesses ambientes, quando o brincar é oportunizado, ele é direcionado para um fim pedagógico, ou seja, as professoras possibilitam a brincadeira para ensinar algum conteúdo da grade curricular da escola.

Tal pesquisa foi realizada na cidade de Gaspar, em Santa Catarina, com onze professoras que trabalhavam com crianças entre três e quatro anos, matriculadas na rede pública municipal de ensino, e os dados foram obtidos através de entrevistas estruturadas, realizadas entre abril e junho de 2010. Os autores que

compuseram a base teórica da pesquisa foram: Corsaro (2002), Sarmiento (2004), Tardif (2002), Pimenta (2000) e Cruz (2010). As principais conclusões desse trabalho apontaram que:

“as professoras compreendem o faz-de-conta das crianças como sendo a principal atividade no cotidiano institucional, contemplam as brincadeiras de faz-de-conta no seu planejamento, além de perceberem aspectos das culturas infantis trazidos pelas crianças de contextos não institucionais para as brincadeiras de faz-de-conta”

No entanto, por muitas vezes a brincadeira de faz de conta é possibilitada somente para atingir um determinado objetivo de algum conteúdo na escola. Confunde-se, assim, a brincadeira com o jogo pedagógico, o qual tem especificidades que o distinguem da brincadeira, tais como: serem dirigidos pelo professor (que determina o seu início e término), procurarem trabalhar um ou mais temas escolhidos pelo professor e serem de participação obrigatória.

Partindo do conhecimento de que as crianças precisam vivenciar o jogo simbólico para lidar ludicamente com os seus problemas e interesses e também para compreender melhor o mundo do qual fazem parte, considere que preciso ter uma melhor compreensão sobre o papel da brincadeira na vida dos pequeninos, uma vez que atuo como professora na Educação Infantil. Dessa forma, terei mais elementos que propiciarão uma prática pedagógica de melhor qualidade.

Importante destacar que o processo de aprendizado e apropriação do mundo pela criança e a forma como se dá a interação entre ela e os objetos passam também pela necessidade de boa formação e condições de trabalho para o professor. Por isso a importância de respeito ao número máximo de crianças por professor (conforme estabelece a Resolução 02/2010 do Conselho Municipal de Educação de Fortaleza), de haver brinquedos, livros de literatura infantil e material didático diversificado e em quantidade suficiente disponível para as crianças e de formação continuada regular e orientação pedagógica para os professores. Acredito que também as crianças precisam ter atendidas algumas necessidades básicas para poderem aprender, ou seja, que elas tenham acesso à alimentação, saúde, moradia, vestimentas e materiais pedagógicos de qualidade para que esse processo de fato seja realmente levado a sério por todos.

O presente trabalho tem como objetivo geral analisar a compreensão de professoras da pré-escola sobre a brincadeira de faz de conta das crianças. Por sua vez, seus objetivos específicos são identificar a concepção das professoras da pré-

escola sobre: o papel da brincadeira na Educação Infantil; o papel da brincadeira de faz de conta na Educação Infantil; seu papel, como professoras, nas brincadeiras de faz de conta das crianças.

2 BASES TEÓRICAS

De acordo Machado (1991), desde o nascimento a criança entra em contato com o meio social em que vive e o simples sugar do leite materno já é uma ação construída em parceria com sua mãe. Isso acontece porque, inicialmente a amamentação é uma dificuldade (uma vez que o bebê ainda não conhece como se dá esse processo), mas torna-se uma atividade que vai se aprimorando cada vez mais, pois, através da experiência, o bebê se adapta a essa atividade ficando dia após dia mais competente no ato de sugar o seio materno.

Esse exemplo é somente para ilustrar que a criança é um ser social, ela vive em um determinado meio social e nele se desenvolve por meio das interações que estabelece com os outros. Para Machado (1989), fundamentada em Vigotski, isso significa dizer que o desenvolvimento humano não deve ser visto de forma separada, e que seria necessário quebrar as barreiras que analisa os fenômenos de forma tradicional.

Somente o método de análise em unidades permitiria captar o funcionamento dos elementos que se encontram presentes na vida psíquica do homem, no seu processo de gênese, desenvolvimento humano e mudança. Este método permitiria, também, observar a interação permanente pensamento/atividade Humana: suas contradições, sua interdependência e influência mútua (Machado, 1989 p. 28).

Dessa forma, entende-se que somente numa perspectiva histórico dialética é possível compreender e analisar o desenvolvimento humano e notar sua evolução permanente nas interações sociais.

O pressuposto da autora é de que a criança, enquanto ser social, interage com o meio em que está. Assim como Vigotski (1989b), compreende-se que a criança se torna um ser social na dialética com o outro, ou seja, o acúmulo do saber só se dá na interação e num permanente movimento de pensamento / atividade humana.

Considerando ainda a perspectiva da dialética, esse saber se realiza não numa linearidade, mas num movimento regido por suas contradições onde o contexto das situações é parte integrante dos próprios fatos. A autora acrescenta

ainda que a dialética é o movimento de ida e volta à realidade, considerada uma totalidade onde as contradições se tornam claras, confrontam-se e transformam-se em um exercício constante dos sujeitos envolvidos.

Nessa perspectiva, quando um indivíduo age diretamente numa situação, ela ganha um novo nível de complexidade e as ações humanas numa dada situação acontecem primordialmente para se encontrar soluções para os problemas. Assim as interações significam transformação.

Desse modo, como as crianças socializam-se no meio em que estão e interagem, será na interação que elas se utilizarão de instrumentos mediadores, sendo talvez o seio materno o primeiro instrumento mediador de que a criança fará uso para satisfação de uma dada necessidade.

Assim sendo, será nas interações vivenciadas pela criança que ela construirá um complexo e novo sistema psicológico, pois essa interação exigirá que ela elabore um desenvolvido sistema mental onde possa encontrar respostas para as novas situações que experimentará. É a partir da necessidade e do desejo da decifração do novo universo de significações experimentadas pela criança que ela elabora ações na busca de soluções dos problemas que se apresentam. Na perspectiva de Machado, com base em Vigotski, todo o conhecimento humano é construído somente através das interações sociais.

Também apoiada nas ideias de Vigotski e ressaltando o papel de contexto e da interação social, Oliveira (2011) resgata as análises de estudos realizados nas seguintes áreas do conhecimento: antropologia, sociologia, psicologia e linguística. Esses estudos têm indicado que a brincadeira é essencial para a infância, pois, nela a criança manifesta seus sentimentos, ou seja, brincar para ela é o ponto de apoio onde irá conviver com companheiros, ampliar seu desenvolvimento e construir sua cultura.

Quando as crianças estão brincando sozinhas ou acompanhadas de outras crianças, estão tendo a possibilidade de experimentar vários recursos utilizados por elas em sua vivência real, adaptando-os às suas brincadeiras para explorar melhor o mundo. Durante o brincar, ela consegue ter uma melhor percepção sobre si, como também dos outros que estiverem à sua volta. Nesse momento, a criança tem que organizar seu pensamento para que possa organizar os seus sentimentos e ser sensível a cada momento construído na brincadeira.

Em tais estudos também ficou constatado por vários pesquisadores que a brincadeira de faz de conta possui um lugar de destaque nas brincadeiras infantis, pois ela está diretamente relacionada à capacidade que a criança tem de criar e imaginar. Quando a criança está incluída nessa brincadeira, ela tem maior possibilidade para criar e imaginar, porque é somente brincando livremente que ela utiliza objetos do meio em que vive, para transformá-los em outros que necessita. Assim ela modifica, durante o seu brincar, a função social desses objetos para adaptá-los segundo a atividade que realiza. Desse modo, uma caneta pode ser um microfone; um prato, a direção de um carro. Nessa brincadeira, através da imaginação, ela realiza os desejos que não podem tornar-se reais naquele momento.

Os estudos também mostraram que a brincadeira é uma atividade que evoluiu historicamente com a humanidade e continua passando por mudanças devido às condições de vida da população, em especial a população infantil. As mudanças que ocorrem nessa população também são influenciadas pela ampliação do número e tipos de brinquedos que são fabricados e viram objetos de desejo e consumo das crianças. Os vários tipos de brinquedos oferecidos nas lojas e através da mídia podem ocasionar um enorme desgaste para as crianças, sobretudo por não serem acessíveis a todas elas devido às suas condições econômicas.

A Sociologia da Infância, campo que vem se estruturando recentemente, tem ressaltado a importância da brincadeira na elaboração da cultura de pares. Oliveira (2011, p.140) assim sintetiza esse conceito desenvolvido por Corsaro (2009):

Brincar é uma atividade aprendida na cultura que possibilita que as crianças se constituam como sujeitos em um ambiente em contínua mudança, onde ocorre constante recriação de significados, condição para a construção por elas de uma cultura de pares, conjunto relativamente estável de rotinas, artefatos, valores e interesses que as crianças produzem e partilham na interação com companheiros de idade. Ao brincar com eles, as crianças produzem ações em contextos sócio-histórico-culturais concretos que asseguram a seus integrantes, não só um conhecimento comum, mas a segurança de pertencer a um grupo e partilhar da identidade que o mesmo confere a seus membros.

Segundo Oliveira (2011), desde cedo as crianças participam de jogos. Mesmo quando são ainda bebês, elas brincam também: ficam observando as pessoas mais experientes que estão ao seu lado, tais como os seus pais, um irmão

mais velho ou qualquer pessoa com quem tenha um laço afetivo. Nessa fase, elas já gostam de brincar de esconde-esconde, pois essa atividade proporciona um momento de interação e prazer aos brincantes.

Com o passar do tempo, a maneira de brincar vai mudando de acordo com a idade e a experiência de vida de cada criança. Essas mudanças deixam os bebês mais seguros, confiantes em seus movimentos e tendo um melhor controle do seu corpo, como também mais determinados a participarem das suas primeiras brincadeiras. Isso é percebido quando as explorações dos objetos se tornam bem mais fáceis para eles e quando conseguem expressar aquilo que estão sentindo no momento das brincadeiras. As crianças bem pequenas brincam seguindo o modelo dos colegas, repetindo seus gestos, suas vozes, ajustando cada detalhe ao que ela já consegue fazer, para agradar a si e os que estão brincando com ela. Isso lhe custa uma intensa observação do outro, para que possa adaptar cada expressão. Nessa atividade o conhecimento de si e dos que estão ao seu redor vai aumentado de forma significativa ao ponto de mudarem suas formas de brincar e construir novos brinquedos e brincadeiras.

De acordo com Oliveira (2011), as brincadeiras mais antigas deixadas por nossos antecessores fazem parte do acervo cultural construído por diferentes povos. Mesmo que tenham feito parte de outras épocas da humanidade, as brincadeiras tradicionais continuam sendo apreciadas e permanecem entre as crianças em nossos dias atuais. Dentre as mais conhecidas, podemos citar: esconde-esconde, cabra cega, pula sela, amarelinha, adivinhações, além de jogos de pontaria ou de precisão, ou com pião, fantoche, balanço, boneca, bola, corda, e brincadeiras de outras tradições culturais, etc. Essas brincadeiras se apoiam em tarefas não muito complexas, que permitem que os participantes de várias idades brinquem sem muitos empecilhos.

Entre as brincadeiras infantis, esse trabalho dará destaque à brincadeira de faz de conta, devido à sua grande importância para o desenvolvimento pessoal e social da criança com o mundo. Essa atividade exige delas atitudes diferenciadas do cotidiano e uma atuação mais elaborada durante sua participação e interação com os objetos, bem como com as outras crianças que estão fazendo parte da cena.

Nesse tipo de brincadeira, também chamada de jogo simbólico, a criança a imagina e elabora os papéis que cada brincante desempenhará no decorrer da atividade. A brincadeira de faz de conta utiliza mecanismo de alta complexidade que

instiga a criança a expressar o que vê, o que sente e o que deseja. Brincando com os vários papéis que ela conhece e com os novos que serão construídos em conjunto, as crianças têm a oportunidade de serem os autores e diretores do seu próprio espetáculo. Na brincadeira de faz de conta, as crianças exibem as suas emoções.

Quando observamos as crianças brincando de faz de conta, parecem que estão atuando em um teatro infantil. Sendo que nesse espaço há um grande diferencial do teatro propriamente dito: aqui não há ensaios, nem tampouco um diretor dizendo o que as crianças irão fazer na próxima cena. Tudo é construído por elas no momento em que inicia-se a brincadeira.

Neste trabalho, procurarei explicitar o que Vigotski afirma sobre a brincadeira infantil, no capítulo intitulado *O papel do brinquedo no desenvolvimento*, no livro *A formação social da mente*, quando o autor faz uma discussão fundamental sobre o papel da brincadeira no desenvolvimento das crianças. Ele inicia sua argumentação destacando que a brincadeira não é a única atividade em que a criança encontra prazer, uma vez que existem outras fontes onde ela pode encontrar prazer, embora não fique plenamente satisfeita na atividade que realiza, como chupar chupeta, por exemplo.

Tal fato se dá porque um dos motivos para que a brincadeira de faz de conta traga prazer à criança é que brincando ela realiza seus desejos no campo da fantasia, satisfazendo, assim, o que não poderia ser feito na vida real de forma imediata; dito de outra forma, quando a criança está brincando de faz de conta são abertas várias possibilidades para que ela realize os desejos que não podem ser deixados para depois. E isso lhe causa prazer. Uma criança bem pequena, com aproximadamente dois anos e meio de idade, deseja, por exemplo, ocupar o lugar de sua mãe imediatamente. No entanto, isso não é possível naquele exato momento. Quando isso acontece, ela experimenta um sentimento de frustração por ter sido impedida de fazer algo que desejava muito, ficando um pouco irritada por não conseguir satisfazer seu desejo de forma imediata. Nesse caso, ela poderá ter sua atenção desviada para outra atividade, esquecendo temporariamente o que pretendia. No entanto por volta do início da idade pré-escolar, esse desejo poderá surgir novamente com mais intensidade e nesta fase não será tão fácil esquecer o que não foi realizado; por isso ela poderá fazer uma viagem ao mundo da fantasia a

fim de realizar seus desejos irrealizáveis no plano real. No caso da menina que queria ser mãe, ela pode realizar isso brincando de ser a mãe de sua boneca.

É preciso destacar que através do brincar, a criança cria um mundo imaginário onde pratica o que nós denominamos uma atividade lúdica. Mas, mesmo nesse mundo imaginário, em que as regras não ficam explícitas como nos jogos esportivos, elas estão presentes. Ao inserir-se no mundo do faz de conta, a criança vivencia brincadeiras utilizando certas regras, mesmo que isso não seja tão claro à primeira vista, pois ao representar o papel de sua mãe na brincadeira, seguirá as regras do comportamento dessa personagem, agindo de acordo com a representação social do que seja a figura materna. O autor define também que a brincadeira, apesar de ser vista como fonte de prazer, poderá também representar o inverso quando não for agradável para o brincante.

As mudanças que ocorrem no desenvolvimento das crianças devido à influência da brincadeira de faz de conta são várias. Entre elas, Vigotski (1989) ressalta que é brincando que elas dão novos significados aos objetos. Quando a criança é bem pequena, se apropria do significado socialmente construído (por exemplo, o lápis é para escrever, a vassoura para varrer etc.), e o que antes era apenas algo socialmente construído no seu dia a dia, passa a ter novo significado na hora de brincar. No ambiente imaginado e construído por elas quando estão brincando, os objetos perdem seu significado social para dar lugar a um significado próprio à ação imaginada: em um instante, uma vassoura vira um cavalo, um lápis vira um microfone. Somente na brincadeira é possível transformar os objetos reais em brinquedos desejados, de acordo com os significados atribuídos pelas crianças no momento da brincadeira; os objetos passam, então, a assumir determinados significados, de acordo com os desejos da criança.

O autor destaca também que, mesmo transferindo uma ação do campo real para a fantasia, a criança utiliza elementos e objetos reais para resignificar a atividade. Mesmo porque, quando ela brinca, não está totalmente imersa no jogo simbólico, ela é impulsionada pelo brincar a agir de acordo com uma situação real mudando-a conforme suas motivações internas para uma ação imaginária, renomeando objetos sem desconsiderar suas características naturais, atribuindo-lhes um novo significado. Os objetos utilizados na brincadeira são aproveitados de acordo com as suas características físicas: uma tampa de panela é mais adequada para representar uma direção de carro do que uma faca.

Nesse contexto de mudanças na vida das crianças, Vigotski (1989, p.108) salienta que as brincadeiras irão passar por diversas alterações durante todo o desenvolvimento das crianças. Por conta disso, o autor afirma que brincando a criança tem mais possibilidades de suportar, sem grandes problemas, as dificuldades que a passagem de um aprendizado para outro pode proporcionar-lhes.

Na idade pré-escolar, por exemplo, a criança vivencia a brincadeira com boa parte da influência de uma situação imaginária que a faz recordar os acontecimentos vivenciados por ela em um momento anterior e os representa em outra ocasião. Apesar de nesta idade prevalecer uma situação imaginária quando ela está brincando, o autor nos lembra de que em toda situação imaginária há regras, mesmo que fiquem ocultas. No período escolar acontecerá o contrário: a imaginação irá dar espaço para os jogos com regras. Então, o que predomina são as regras. No entanto, a presença da imaginação aparecerá para o brincante de forma oculta, pois nos jogos, as crianças na idade escolar recorrem a uma situação imaginária para comportar-se de maneira adequada na hora de jogar.

Sendo assim, é possível notar que é através da brincadeira que a criança desenvolve seu pensamento, separando os objetos dos seus significados, dando a estes objetos uma nova função conforme a ação desejada, renomeando-os de acordo com sua vontade. Vale destacar, portanto, que os benefícios proporcionados pelo brincar na vida da criança são de grande relevância para seu desenvolvimento cognitivo. Ao brincar, ela passa por mudanças internas que a fazem agir com um comportamento bem diferenciado do habitual, é como se tivesse uma idade superior àquela que realmente tem. Isso é possível porque as situações experimentadas através das brincadeiras possibilitam uma melhor organização do pensamento.

3 METODOLOGIA

O objetivo desta pesquisa foi analisar a compreensão de professoras da pré-escola sobre a brincadeira de faz de conta das crianças. Para atingir esse propósito, realizei entrevistas semiestruturadas onde elas explanaram suas concepções sobre brincadeira e sobre a Educação Infantil.

A pesquisa aconteceu numa escola da rede pública de ensino municipal localizada na periferia de Fortaleza. Nesta escola são disponibilizadas turmas desde a Educação Infantil (infantil IV e V) até o quarto ano do Ensino Fundamental. É uma escola de pequeno porte que funciona com o mínimo de estrutura para receber as crianças e suas famílias que dispõem de pouca ou nenhuma renda. Seu entorno é considerado uma área perigosa que possui histórico de assaltos sofridos por professores ao saírem para pegar o ônibus. Tal fato, talvez colabore para que esses profissionais não queiram trabalhar nessa escola. Minha escolha por uma escola pública se deve ao fato de também trabalhar numa escola da rede pública municipal e querer cada vez mais contribuir com uma educação de qualidade para os meninos e meninas, filhos da classe trabalhadora de Fortaleza, pois eles não têm outra opção de ensino. Além disso, a Constituição Federal promulga que toda criança tem direito a uma educação de qualidade. No entanto, sabe-se que mesmo sendo um direito da criança e um dever do Estado, muitas crianças pequenas ainda não frequentaram nenhuma instituição de ensino, especialmente as com idade entre zero e três anos, pois a frequência à creche não atinge sequer 20% dessas crianças.

Outro ponto relevante em relação à escolha dessa escola é que já trabalhei lá e conheço algumas professoras, bem como sua direção. O conhecimento que tenho dos sujeitos facilita a minha inserção como pesquisadora no ambiente a ser analisado, ampliando cada vez mais as possibilidades de participação dos mesmos, além de contribuir para deixá-los à vontade para responder às questões elaboradas (Ver apêndice).

Os sujeitos envolvidos nessa pesquisa são professoras efetivas que trabalham na pré-escola. Importante ressaltar que esses sujeitos trabalham há mais de cinco anos na rede pública municipal de ensino de Fortaleza. Acredito que esses critérios são importantes porque tendo esse vínculo com a Secretaria Municipal de

Ensino (SME) durante este período, elas tiveram oportunidade de participar dos cursos e formação continuada que possivelmente aconteceram.

A participação em cursos e formação continuada é importante porque nesses espaços as professoras podem trocar ideias sobre sua prática pedagógica em sala de aula, e ampliar seus conhecimentos. Embora esses momentos não existam com frequência (o que é uma pena para o aperfeiçoamento profissional do magistério), quando acontecem, as professoras se prontificam a fazê-los, pois os consideram um momento rico em reflexões e debates para a Educação Infantil municipal.

A forma que encontrei e que considero mais viável para atingir meus objetivos foi a realização de entrevistas, pois já foi utilizada em outros trabalhos de campo que tinham objetivos semelhantes, sendo considerada como um ótimo instrumento para obter o ponto de vista das pessoas. Vale ressaltar que, para conseguir captar o ponto de vista do outro, é importante que o entrevistador elabore bem suas perguntas para que o entrevistado não tenha dúvida sobre o que está sendo perguntado. Sendo assim, penso que através de entrevistas pude obter informações sobre o que as professoras² pensam sobre as brincadeiras de faz de conta entre as crianças de pré-escola.

Foram entrevistadas três professoras que atuam nesse ambiente escolar: Maria, Fátima e Lívia. Maria e Fátima trabalham com turmas de Infantil IV, e Lívia com turmas de Infantil V. As entrevistas foram realizadas de modo que os sujeitos nelas envolvidos se sentissem seguros e confiantes para responder as perguntas elaboradas pelo entrevistador. Além de perguntas sobre o tema da pesquisa, também planejei utilizar três gravuras com cenas de conflitos entre crianças, ocorridos durante a realização de brincadeiras de faz de conta, solicitando à entrevistada que dissesse qual seria sua intervenção caso estivesse presente naquele momento, uma vez que os conflitos possíveis de surgirem nas brincadeiras me chamam muito a atenção, como já referido. No entanto, concluí ser melhor centrar o diálogo no próprio tema da brincadeira de faz de conta, que é o foco deste trabalho.

² Neste trabalho, será utilizado o termo professora (forma feminina) pelo fato de a maioria dos profissionais nesta etapa da educação ser formada por mulheres.

Como as professoras permitiram, gravei suas falas durante a entrevista, além de também fazer anotações em um bloco de notas para que nenhum detalhe ficasse sem registro.

4 AS PERCEPÇÕES DAS PROFESSORAS SOBRE A BRINCADEIRA DE FAZ DE CONTA

O tempo de atuação como professora de Educação Infantil varia muito entre as três entrevistadas: enquanto Fátima está iniciando o trabalho nessa área (tem apenas um mês de experiência), Maria já tem oito anos de experiência, e Lívia, doze anos.

Maria começou o trabalho na Educação Infantil motivada pela possibilidade de ter um “aditivo”³, uma vez que essa área não costuma ser muito atrativa, pois, segundo relata, “na prefeitura, as pessoas sempre tiveram medo, no início, de trabalhar com a Educação Infantil pela falta de material, de estrutura”. Ela aceitou o desafio porque já tinha a experiência de um ano de atuação nessa etapa da educação no município de Maracanaú. De qualquer forma, faz questão de salientar que se sente bem nessa área.

Já Fátima esclarece: “não foi uma escolha minha”; na verdade, o seu ingresso nessa área aconteceu porque “surgiu a oportunidade” e ela “acabou indo”. Também para Lívia não se tratou de uma escolha, como ela afirma: “as oportunidades que surgiram de trabalho foram sempre ligadas à Educação Infantil”.

A referência que Maria faz a respeito das precárias condições para o trabalho com a Educação Infantil e como tais condições afetam as decisões acerca da escolha por essa área, remetem aos diferentes desafios ainda enfrentados por essa etapa da educação. Tais desafios são evidenciados em vários estudos, como, por exemplo, o levantamento realizado por Campos, Fülgraff e Wiggers (2009) tendo por base os resultados de pesquisas na área realizadas em vários estados brasileiros e que mostram que ainda persistem problemas relativos à infraestrutura, à formação e contratação de professores, propostas pedagógicas, número de crianças por professor, materiais pedagógicos, livros, brinquedos, etc. Na fala da referida professora, é possível constatar que tais problemas acabam por afastar

³ Trata-se de um contrato temporário, geralmente apenas para um período; os professores contratados nesta modalidade recebem salários apenas referentes aos meses trabalhados e não possuem estabilidade no emprego.

profissionais talvez mais rigorosos em relação à qualidade do seu trabalho, que estas condições provavelmente prejudicariam.

A escolha pela Educação Infantil para Maria foi motivada pela sua identificação com a área, conforme ela afirma. Como havia essa identificação, procurou aumentar os seus conhecimentos através de curso de pós-graduação:

Questão de identificação. Na verdade eu sou formada em Português, mas fiz pós-graduação em Educação Infantil e, como eu falei antes, é algo que eu gosto de fazer, eu acho que você tem que trabalhar em uma coisa que você se identifica, que você gosta, que você acha que faz melhor.

Por outro lado, as duas professoras que esclareceram que não estão trabalhando nesta área por uma escolha, mas devido às circunstâncias que levaram a isso, afirmam que gostam do trabalho com crianças e que se sentem bem nesta área.

As três entrevistadas tiveram oportunidades bem diferentes de se apropriar de conhecimentos sobre a brincadeira na Educação Infantil. Maria comentou que “a prefeitura já proporcionou alguns cursos e esses cursos abordam o tema brincadeira” e que achou importante participar dessas formações, embora reclame que elas “deixam um pouco a desejar, são muitas coisas repetitivas, geralmente os cursos são sempre a mesmice”. Lívia diz também que já participou de cursos oferecidos pela prefeitura sobre esse tema, além de ter feito disciplinas que o abordaram tanto em sua graduação, como na pós-graduação, além de considerar que eles foram:

de extrema importância, haja visto que nos mostram elementos psicológicos emocionais subjacentes da criança, isto é, o seu lado subjetivo, que podem subsidiar os professores na elaboração de nossas atividades.

Fátima diz que não fez nenhum curso ou disciplina sobre esse tema. Considerando a relevância da brincadeira para o desenvolvimento integral das crianças e que esse é o objetivo maior da Educação Infantil, é possível perceber que a falta de tais conhecimentos prejudicam a prática pedagógica dessa professora.

Maria e Lívia consideram que a formação do profissional que trabalha com a Educação Infantil é de grande relevância para o trabalho pedagógico com os pequeninos, pois uma boa formação oferece elementos que possibilitam um trabalho de melhor qualidade e, portanto, que as crianças se desenvolvam de forma integral.

Também Campos (1994, p.21) considera a formação dos professores que atuam na Educação Infantil muito importante, destacando que esse profissional,

“... partindo de uma concepção de desenvolvimento que situa a criança no seu contexto social, ambiental, cultural e mais concretamente, no contexto das interações que estabelece com os adultos, espaços crianças, espaços coisas e seres à sua volta”

ajuda a criança a construir, “através dessas mediações, sua identidade, seus conhecimentos, sua percepção do mundo, sua moral”.

As falas das professoras expressam o reconhecimento da importância de uma formação voltada para o conhecimento dos aspectos afetivo, social, cognitivo e motor do desenvolvimento das crianças. O conhecimento de tais aspectos é fundamental para que esse profissional contribua efetivamente para que a Educação Infantil atinja o seu objetivo previsto na Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB), no seu artigo 29:

A educação infantil, primeira etapa da educação básica, tem como finalidade o desenvolvimento integral da criança até seis anos de idade, em seus aspectos físico, psicológico, intelectual e social, complementando a ação da família e da comunidade

A fim de que tal objetivo possa ser atingido, a mesma lei também aponta, em seu artigo 62, a formação necessária para o professor que atua nesta etapa da educação:

A formação de docentes para atuar na Educação básica far-se-á em nível superior, [...] admitida, como formação mínima para o exercício do magistério na Educação Infantil e nas quatro primeiras séries do ensino fundamental, oferecida em nível médio, na modalidade Normal.

Na verdade, ainda há um grande contingente de professores atuando na Educação Infantil que não possui essa formação mínima: “os dados do Censo Escolar de 2004 comprovaram a existência de aproximadamente 40 mil professores atuando na educação infantil e sem a devida formação” (MEC, 2010). No entanto, conforme o Censo Escolar de 2011, apesar da maior proporção de profissionais sem formação de nível superior estar na Educação Infantil, já chega a quase 57% o número de profissionais que concluíram um curso desse nível de ensino.

Ao tratar do papel da professora de Educação Infantil, Maria considera que esse se concentra no cuidado que ela deve ter com as crianças, embora “às vezes a gente é cobrado na parte da leitura, da escrita, mas é mais a questão do cuidar, cuidados com a criança”. Além disso, para ela, o professor deve:

Trabalhar muito o lado da disciplina, o lado amizade. A gente trabalha muito com os valores, não deixa de lado, não (...). Trabalhamos a parte do desenvolvimento motor, a questão da coordenação motora fina, a questão do pular, do brincar do correr, correr de uma perna só; trabalhamos também com a parte da observação, como a criança está se desenvolvendo nessas etapas.

A professora Fátima acredita que o papel da professora da Educação Infantil seja “inserir o aluno na rotina da escola, ensinar as noções básicas de como se comportar, de como ele deve aprender mesmo a rotina da escola, a hora do fazer, a hora do recreio”. Pensa também que deve “tirar os vícios que as crianças trazem de casa e tentar inserir ele nos modos da sociedade, de como ele deve se comportar perante a sociedade”.

É possível perceber, portanto, que, para Fátima, o papel da professora está mais voltado para formar bons hábitos, introduzir a criança na rotina da escola e ensinar-lhe a disciplina. Sua fala expressa também sua inexperiência na área, pois desconsidera a vida cultural e hábitos que as crianças trazem consigo quando ingressam na instituição. A esses comportamentos ela se refere como sendo “vícios”. Tal percepção se dá quando ela diz ser papel da professora “tirar muito os vícios que as crianças trazem de casa”.

Essa ideia de que o a educação da criança pequena tem que ser baseado na disciplina é questionada por Galvão (2004,) quando ela afirma ser o movimento corporal e as condutas da criança regidas por um modelo disciplinador construído historicamente ao final do sec.XVIII. A autora, buscando responder aos motivos que levam o professor a ter certa rigidez no que diz respeito aos movimentos e condutas, afirma que essa aspereza, embora não explícita, é conduzida pelo modelo disciplinador ao qual nos referimos acima. Ela levanta hipóteses sobre essa situação:

Fica a questão de onde de origina esta precária compreensão do movimento infantil: será que pode ser atribuída somente à falta de conhecimentos teóricos sobre as condutas e desenvolvimento infantil? Embora não neguemos esta hipótese, vemos, por trás deste olhar restritivo, não somente falta, mas também a presença de algo, ou seja, de um modelo

que, mesmo que não formulado explicitamente, exerce decisiva influência sobre o olhar e as ações do educador. (GALVÃO, 2004 p.77)

Já Livia, partindo da ideia de que “na Educação Infantil, há uma grande preocupação de promover o desenvolvimento integral da criança e de formar esta para cidadania”, vê o papel do professor de Educação Infantil como sendo o de um profissional que precisa “realizar um trabalho de qualidade, respeitando os direitos básicos das crianças”. Para isso, considera que ele “deve ter conhecimentos e habilidades” e “no atendimento deve constar brincadeiras, ambiente acolhedor e estimulante, higiene e saúde, contatos com natureza e etc.”. Para tanto, acrescenta que “o professor necessita de condições que favoreçam o seu trabalho: acompanhamento, formação, proposta pedagógica”. Assim, fica evidenciada a função pedagógica do professor de Educação Infantil, que inclui a aquisição de conhecimentos específicos e condições apropriadas para realizar seu trabalho.

As opiniões expressas por essas três professoras são exemplares acerca de funções historicamente atribuídas à Educação Infantil e, em consequência, ao professor desta etapa da educação. Inicialmente, acreditou-se que as instituições voltadas para as crianças oriundas de famílias pobres tinham como principal função a sua guarda, liberando as suas mães para o trabalho fora de casa, tal como expressa a professora Maria. Nessa concepção, o cuidar restringe-se ao atendimento de demandas básicas como alimentação, higiene, sono e proteção contra perigos físicos.

No entanto, como Kuhlmann Jr. (1998) aponta, mesmo nestas instituições, as crianças eram educadas, no sentido de serem disciplinadas para a obediência (nas palavras de Rosemberg, 1999, trata-se de uma “educação para a subalternidade”) e as famílias deveriam mostrar-se agradecidas ao Estado ou às instituições filantrópicas que realizavam esse atendimento, visto como um “favor” aos pobres. Esse mesmo autor mostra que o problema não é a instituição oferecer assistência/cuidados, pois eles são necessários às crianças; o problema está na visão assistencialista, que é preconceituosa em relação à pobreza e, portanto, descomprometida com a qualidade.

Hoje já está bastante disseminada a ideia de que educação e cuidado são indissociáveis. No entanto, ainda persiste entre muitos professores a visão que prioriza ou a educação (geralmente confundida com ações pedagógicas voltadas para a escolarização das crianças) ou o cuidado (também numa concepção restrita

deste termo, como já referido) e essas funções são atribuídas a diferentes profissionais. Como afirma Rossetti-Ferreira (2003, p.33), “como a discriminação é grande, quem educa não se propõe a cuidar e quem cuida não se considera apto para educar, como se essa coisa fosse possível”.

Tanto a LDB, como vários documentos posteriores, como as recentes Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil (Resolução CNE/MEC nº 05, de 2010), esclarecem que a função da Educação Infantil é o desenvolvimento integral da criança em todos os seus aspectos. Desse objetivo decorrem muitas consequências que constituem a própria especificidade dessa etapa da educação.

Lívia considera que o professor de educação Infantil tem que trabalhar a criança de maneira global, procurando desenvolvê-la em seus aspectos afetivo, motor, social e cognitivo para que ela desenvolva de forma integral. E para que esse ambiente possa favorecer o processo do desenvolvimento infantil, precisa propiciar condições adequadas a esse processo, devendo “constar brincadeiras, ambiente acolhedor e estimulante, higiene e saúde, contatos com natureza e etc.”. Como já citado anteriormente, tais condições muitas vezes não estão presentes e dificultam o trabalho pedagógico nessa etapa da educação.

Na entrevista realizada com as três professoras, também foi perguntado como elas compreendem o papel da brincadeira de faz de conta na pré-escola.

Fátima vê a brincadeira de faz de conta como uma oportunidade para que o professor possa perceber algumas características particulares que a criança apresenta enquanto está brincando. Ela acredita também que o professor deva “modificar as vivências que elas trazem da sociedade”, parecendo desconsiderar o contexto social bem como a experiência de vida das crianças ao chegar à escola, toda sua história de vida. É preciso atentar para o fato de que, ao integrar um determinado grupo social, a criança expressa nesse ambiente os costumes, os valores, a linguagem, entre outras características do seu contexto social. Fátima parece ver a brincadeira de faz de conta como sendo uma oportunidade de conhecer melhor as crianças a fim de poder modificá-las, portanto, podendo ter uma função disciplinadora.

Maria tem opinião diferente: para ela o faz de conta é uma atividade importante, pois nesse momento ela pode observar melhor as crianças; considera que algumas crianças são “travadas” e que através das brincadeiras elas se

apresentam de forma mais solta e relaxada do que rotineiramente em outros momentos da sala de atividades. Esta professora acredita que:

através das brincadeiras, elas se apresentam de forma mais descontraídas do que em outros momentos da sua realidade . Isso acontece porque somente quando estão brincando elas experimentam situações jamais vivenciadas em outros momentos na interação com seus pares, elas podem dar novo significado aos seus desejos não realizados de imediato. -

Lívia também considera a brincadeira de faz de conta muito positiva, pois é neste momento que a criança assimila e lida com situações ditas perigosas em sua vida real. Ela reconhece também que quando a criança brinca de faz de conta, representando vários papéis, está estimulando a sua criatividade e socialização.

Maria e Lívia parecem ter posições semelhantes no sentido de considerarem a brincadeira de faz de conta como sendo um momento importante na vida escolar das crianças. Na fala Lívia também é possível perceber o quanto ela acredita que a brincadeira seja um momento rico de descobertas e internalização de papéis sociais pela criança.

De fato, a brincadeira é uma “atividade humana na qual as crianças são introduzidas constituindo-se em um modo de assimilar a recriar a experiência sócio-cultural dos adultos” (WAJSKOP, 2005, apud CONCEIÇÃO e MACHADO, 2006, p. 4-5). Ainda segundo essa autora, na concepção sócio-antropológica a brincadeira é considerada como “um fato social, espaço privilegiado de interação infantil e de constituição do sujeito-criança como sujeito humano, produtor de história e cultura”. Acrescenta ainda que as concepções sócio-históricas e antropológicas a definem como “uma atividade social, humana, que supõe contextos sociais e culturais, a partir dos quais a criança recria a realidade através da utilização de sistemas simbólicos próprios” (Idem, p.26-28).

Um aspecto que também vale ressaltar é que a criança brinca de faz de conta motivada pela necessidade de realizar seus desejos que não podem ser realizados de forma imediata. A respeito disso, Vigotski (1998, p.108-109) esclarece que: “Para resolver essa tensão, a criança de idade pré-escolar envolve-se num mundo ilusório e imaginário onde os desejos não realizáveis podem ser realizados, e esse mundo é o que chamamos de brinquedo”.

As três professoras entrevistadas expressam posições diferentes sobre o papel que a professora deve ter no desenvolvimento da brincadeira de faz de conta.

Para Maria, o seu papel no jogo simbólico é de deixar as crianças à vontade e apenas observar enquanto elas estão brincando. Nesse sentido, acredita que as brincadeiras de faz de conta devem ser livres, para que a criança possa representar de acordo com sua imaginação.

Para Lívia as brincadeiras de faz de conta ajudam as crianças a expressarem seus sentimentos, bem como a assimilá-los; considera que o professor deve estimular orientar e questionar durante a brincadeira de faz de conta. Ela afirma ainda ser importante o professor estimular a prática das brincadeiras, podendo ao final fazer intervenções, caso julgue necessário.

Fátima considera que a professora tem o papel de facilitador e que ela deve perceber, no jogo simbólico, as potencialidades das crianças. No entanto, aponta que a sua expectativa ao utilizar as brincadeiras é “moldar” as crianças, pois, frente à realidade de violências que elas experimentam, a escola deve conhecê-las a fim de saber lidar com suas especificidades.

Fátima tem uma ideia divergente em relação às suas colegas, pois entende que, dependendo do que a criança expresse durante a brincadeira, a professora pode julgar que precise modificar algumas ações das crianças, o que é coerente com o que já havia expressado anteriormente acerca da função disciplinadora da brincadeira.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho teve como objetivo geral analisar a compreensão de professoras da pré-escola sobre a brincadeira de faz de conta das crianças. Para tanto, procurou identificar a concepção de um grupo de professoras de pré-escola que trabalha com crianças de quatro e cinco anos sobre o papel da Educação Infantil, a brincadeira de faz-de-conta nesta etapa da educação e ainda as suas concepções sobre o seu papel nestas brincadeiras.

Através das entrevistas realizadas, foi possível perceber que as três professoras têm opiniões diferentes sobre o papel da Educação Infantil: enquanto uma delas enfatiza o cuidado que deve ter com as crianças, outra destaca a necessidade do professor formar bons hábitos, introduzir a criança na rotina da escola e ensinar-lhe a disciplina; para a última, esse papel está voltado a contribuir para o desenvolvimento integral da criança. Assim, apesar da discussão sobre o objetivo da educação infantil estar muito presente na área, sendo enfatizado o que a LDB já preconiza no seu artigo 29 (que essa etapa da educação deve ter como foco o desenvolvimento integral da criança), isso parece que não foi oportunizado para duas das professoras, pois divergência sobre essa questão. É preciso haver o esclarecimento e uma valorização “de verdade” da função da professora e do papel da Educação Infantil, de modo que nenhuma tenha dúvida quanto a esses pontos tão importantes.

As professoras trazem pensamentos semelhantes quanto à importância da brincadeira de faz de conta nesta etapa da educação. No entanto, não há consenso sobre sua finalidade: uma delas considera que o faz de conta é uma atividade importante, pois nesse momento ela pode observar melhor as crianças e que algumas mais “travadas” se apresentam de forma mais solta e relaxada através das brincadeiras; a segunda vê a brincadeira de faz de conta como uma oportunidade para que o professor possa perceber algumas características particulares das crianças e tentar muda-las; a terceira considera a brincadeira de faz de conta como algo muito positivo, pois é o momento em que a criança assimila e lida com situações ditas perigosas em sua vida real, além de reconhecer também

que quando a criança brinca de faz de conta a sua criatividade e socialização estão sendo estimuladas, pois ela está sendo capaz de representar vários papéis.

Em suas falas fica evidenciada a diferença de posição entre as três professoras, isto é, enquanto duas compreendem que a brincadeira é muito positiva para a criança (possibilidade que a criança tem de experimentar situações, realizar seus desejos e estimular a sua imaginação e socialização) uma a vê como possibilidade de mudar características ditas negativas das crianças.

Mesmo elas considerando que a brincadeira de faz de conta seja importante, não ficou muito evidenciado em suas falas que o brincar é uma atividade lúdica fundamental para o desenvolvimento emocional da criança; por exemplo, que durante esse momento de espontaneidade ela utiliza sua imaginação e cria situações e realiza seus desejos de forma imediata, já que não pode adiar a sua realização. Sobre essa ideia Vigotski (1998) comenta que:

Para resolver essa tensão, a criança em idade pré- escolar envolve-se num mundo ilusório e imaginário onde os desejos não realizáveis podem ser realizados, e esse mundo é o que chamamos de brinquedo (VIGOTSKI, 1998, p.108-109).

Não foi mencionada por nenhuma professora a importância da brincadeira de faz de conta para o desenvolvimento cognitivo (no sentido de ajudá-la a descolar o significado do significante, ao atribuir novos significados a objetos) e moral (ao levá-la a ser fiel às regras implícitas na brincadeira), o que pode apontar a necessidade de maior aprofundamento teórico a esse respeito.

Em relação às concepções das professoras sobre o papel delas nas brincadeiras de faz de conta, Maria comenta que o seu papel no jogo simbólico é o de deixar as crianças à vontade e observar enquanto estão brincando; já Fátima aponta que o professor tem mais o papel de facilitador e que este deve perceber na brincadeira de jogo simbólico as potencialidades das crianças; enquanto que Livia considera que o professor deve estimular, orientar e questionar durante a brincadeira de faz de conta.

As referidas professoras reconhecem esse momento como sendo importante na rotina da pré-escola. No entanto, me parece que esse momento tão rico de interação da criança com seus pares e com os adultos muitas vezes vem sendo utilizado para uma finalidade pedagógica. Nesse caso, a professora sente a necessidade de interferir, ou mesmo de direcionar a brincadeira, como ficou explícito

na fala da professora Fátima. Essa posição expressa a necessidade do professor ter a oportunidade de parar um pouco para refletir sobre sua prática, para que ele entenda que o brincar da criança não é perda de tempo. Como afirma Carlos Drummond de Andrade:

Brincar com crianças não é perder tempo, é ganhá-lo; se é triste ver meninos sem mais triste ainda é vê-los sentados enfileirados em salas sem ar, com exercícios estéreis, sem valor para a formação do homem.

Dessa forma, o poeta junta-se a vários pensadores que nos dão várias razões para acreditar que não podemos cercear as crianças de brincar livremente, pois tal atitude não permitirá que elas vivenciem com seus colegas situações que contribuem de forma significativa para a sua alegria e o seu desenvolvimento integral.

Nesta pesquisa foi considerado relevante indagar sobre o tempo de experiência das professoras na Educação Infantil. Nesse pequeno grupo há bastante variação em relação a isso: enquanto uma tem apenas um mês de experiência, as outras têm oito e doze anos de atuação na pré-escola. Na prática pedagógica os sujeitos envolvidos precisam atuar com consciência para que o processo educativo contribua para transformar positivamente as suas vidas e, especialmente, das crianças com as quais trabalham. No entanto, além de possuir a prática, é necessário que cada professor tenha oportunidades de refletir sobre ela e, nessa reflexão, são importantes tanto os saberes que ele vai acumulando na sua experiência como também os conhecimentos teóricos.

Todas as profissões necessitam de um domínio teórico e prático. Atuar como professor não é diferente, pois uma boa formação deve subsidiá-lo para que sua inexperiência não seja empecilho para que desenvolva com segurança sua função. O mesmo vale para o professor que já atua há mais tempo ele também precisa aliar teoria e prática para poder desenvolver um bom trabalho. Entre as professoras entrevistadas, o tempo de atuação na área pareceu influenciar as suas concepções sobre a brincadeira de faz de conta e o seu papel como professora nessa atividade.

Assim, além da prática, um fator que pode ser considerado importante para as concepções que as professoras expressam sobre a brincadeira de faz de conta e o seu papel na Educação Infantil é constituído pelas oportunidades de se apropriar de conhecimentos sobre esse tema. Nesse grupo de três professoras

temos a seguinte situação: Maria fez apenas cursos de formação continuada oferecidos pela prefeitura sobre esse tema; Lívia também participou desse tipo de cursos, mas, além disso, fez disciplinas que trataram do tema tanto em sua graduação, como na pós-graduação; já Fátima diz que não fez nenhum curso ou disciplina sobre esse tema.

É preciso lembrar que o conhecimento deve orientar a prática. Dessa forma é importante destacar que teoria por si só não muda a prática, nem tampouco um variado currículo pedagógico muda a consciência dos educadores. Um dos problemas dos cursos oferecidos aos professores é que às vezes são totalmente ou parcialmente desconectados com a realidade e repetem os mesmos conteúdos considerados pouco significativos pelos professores (como citou uma das entrevistadas “é sempre a mesma”). Muitos consideram que de nada adianta uma teoria “belíssima” se na realidade não pode ser aplicada, se a prática do professor é dificultada por falta de estrutura física, de brinquedos e orientações que realmente valorizem e estimulem essa atividade.

As Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação infantil (DCNEI) (BRASIL, 2009) determinam que um dos dois eixos para o trabalho pedagógico na Educação Infantil é a brincadeira, o que expressa de forma clara a importância dessa atividade na Educação Infantil. Portanto, há a necessidade de a SME proporcionar oportunidades de formação continuada mais consistentes de forma a propiciar maior conhecimento e maior valorização da brincadeira de faz de conta. Por outro lado, há necessidade de se reafirmar os verdadeiros objetivos da educação e, especialmente, os objetivos da Educação Infantil, pois, atualmente, as professoras que atuam nesta etapa sofrem grande pressão para que cumpram a função de preparar as crianças para o Ensino Fundamental, o que se daria principalmente através da aquisição da leitura e da escrita. Aqui no Ceará, essa pressão provavelmente sofre a influência do Programa Alfabetização na Idade Certa (PAIC), pois há grande valorização do desempenho das crianças nas avaliações realizadas para aferir a sua habilidade de leitura e escrita. E isso acontece apesar das DCNEI, além de reforçar que o objetivo da Educação Infantil é o desenvolvimento integral das crianças (como já preconiza a LDB), define, em seu artigo 3º, que

O currículo da Educação Infantil é concebido como um conjunto de práticas que buscam articular as experiências e os saberes das crianças com os conhecimentos que fazem parte do patrimônio cultural, artístico, ambiental, científico e tecnológico, de modo a promover o desenvolvimento integral de crianças de 0 a 5 anos de idade.

Segundo Oliveira (2011), o ato de brincar, e em especial o brincar de faz de conta, é fundamental enquanto possibilidade das crianças desenvolverem-se enquanto seres humanos, tanto no que diz respeito ao aprendizado cognitivo, como no que diz respeito ao conjunto de aprendizagens humanas, como o lidar com as emoções. Para que essas aprendizagens se realizem, a criança conta com dois tipos de mediadores: o “interno” e o “externo”. O interno diz respeito às particularidades dessa criança, às memórias de situações, percepções, sensações, etc; e o mediador externo está ligado à existência de outras crianças que contribuem para que o processo interativo aconteça; através dessa relação surgem as possibilidades de aprendizagem e a construção de novos modos de comportamento. Assim sendo, quanto mais oportunidade de relacionar-se com outras crianças da mesma idade ou em idades semelhantes uma criança tem, maior será o seu processo de desenvolvimento e de ampliação de sentidos pessoais, bem como do mundo que a cerca. Alguns elementos mediadores externos oferecidos pelo professor podem ter origem no projeto político pedagógico da escola, por exemplo, elementos que estimulem a superação de preconceito de gênero, étnico, etc.

Os espaços construídos da pré-escola devem promover cotidianamente variados momentos que facilitem a interação mediadora e a aprendizagem. Segundo Oliveira (2011, p. 144),

A tarefa é garantir atividades que possibilitem a realização pelas crianças de projetos em grupo com emergência de situações de protagonismo, a formação de vínculos e o aprimoramento das amizades, além do reconhecimento por elas de que são possuidoras de competências valiosas.

O papel do professor é propiciar tais oportunidades, oferecendo, tempo, espaços e materiais necessários. E ao observar as crianças enquanto estão brincando com seus colegas, poderá conhecê-las melhor e ajudá-las a lidar com as emoções, curiosidades, desejos que expressam, contribuindo positivamente para o desenvolvimento cognitivo, social e afetivo delas.

Concluo este trabalho reafirmando a importância da brincadeira de faz de conta para o desenvolvimento integral da criança. Portanto, considero que é preciso

rever ou ampliar a compreensão das professoras e demais profissionais sobre essa atividade e o seu papel na rotina e no currículo praticado na Educação Infantil a fim de que essa etapa da educação realmente atinja o seu objetivo.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANDRADE, Carlos Drummond de. Disponível em < <http://migre.me/dPZ5>> Link reduzido. Acesso em 24/11/2012.

CONCEIÇÃO, Graziela Pereira da e MACHADO, Luciana Maria Costa. **As Brincadeiras Infantis**: o papel do professor na sua constituição. Trabalhos periódicos UFSC. T. Disponível em: <periodicos.ufsc.br/index.php/zeroseis/article/view/852>. Acesso em 18/11/2012.

CAMPOS, Maria Malta. Educar e cuidar: questões sobre o perfil do profissional de educação infantil. In: BRASIL. **Por uma política de formação do profissional de Educação Infantil**. Brasília, 1994.

CAMPOS, Maria M., FÜLLGRAF, Jodete e WIGGERS, Verena. **Qualidade na Educação Infantil**: alguns resultados de pesquisas. Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica. Política de Educação Infantil no Brasil: Relatório de Avaliação. Brasília: MEC/SEB; UNESCO, 2009.

COLLING, Graciele de Souza. **Compreensão de professoras de educação infantil acerca do faz-de-conta e das culturas infantis**. Disponível em: <<http://migre.me/dPZI1>> Link reduzido. Acesso em 21/04/12.

EXUPÉRY, Antoine de Saint. **O Pequeno Príncipe**. Disponível em: <http://pensador.uol.com.br/autor/antoine_de_saint_exupery/2/> Acesso em 16/10/2012.

GALVÃO, Izabel. **Cenas do cotidiano escolar**: conflito sim, violência não. Petrópolis (RJ): Vozes, 2004.

KISHIMOTO Tizuko Morchida (org.). **O Brincar e Suas Teorias**. São Paulo: Pioneira, 1998.

_____. **Jogo Brinquedo, Brincadeira e a Educação**. 3ed. São Paulo: Cortez, 1999.

KUHLLMANN JR. Moysés. Políticas para a Educação Infantil: uma abordagem histórica. In: _____. **Infância e Educação infantil: uma abordagem histórica**. Porto Alegre: Mediação 1998.

MACHADO, Maria Lucia de A., Educação Infantil e sócio-Interacionismo. In: OLIVEIRA, Zilma de Moraes Ramos de (org.). **Educação infantil: muitos olhares**. 2 edição. São Paulo: Cortez 1995.

_____. **Jogo de papéis**: um olhar para as brincadeiras infantis. São Paulo: cortez, 2011.

NASCIMENTO, Cyntia de Souza Paiva. **Criatividade e Brincadeira de Faz-de-Conta nas Concepções de Professores da Educação Infantil**. Disponível em < <http://migre.me/dPZB4>> Link reduzido. Acesso em 21/04/12.

NOGUERA, Eliane Greice Davanço e ALMEIDA, Ordália Alves. **Há luz no início do túnel?** A formação de professores iniciantes em Educação infantil e dos acadêmicos residentes em foco. Trabalho apresentado na 35ª Reunião da Anped. Disponível em: < <http://migre.me/dPZGO>> Link reduzido. Acesso em 24/11/2012.

ROSSETTI-FERREIRA, Maria Clotilde. **A necessária associação entre educar e cuidar**. In: Pátio Educação Infantil. São Paulo, p.10-12 ano I, n. 1, abr/jul, 2003.

TEIXEIRA, Sônia Regina dos Santos. **A mediação de uma professora de educação infantil nas Brincadeiras de faz-de-Conta de crianças ribeirinhas**. Trabalho apresentado na 35ª reunião da Anped. Disponível em: <<http://migre.me/dPZMn>> Link reduzido. Acesso em 24/11/2012.

VIGOSTKI, Lev Semenovich. O papel do brinquedo no desenvolvimento. In: ____ A **Formação Social da Mente**. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

APÊNDICE

APÊNDICE

ROTEIRO DA ENTREVISTA COM A PROFESSORA

- Há quanto tempo trabalha na Educação Infantil?
- Como ingressou na Educação Infantil?
- Por que escolheu a Educação Infantil?
- Você já fez alguma disciplina, curso, palestra sobre brincadeira? O que você achou importante?
- Para você, qual é o papel do professor da Educação Infantil?
- Qual a sua opinião sobre a brincadeira de faz de conta na pré-escola?
- O que você pensa sobre o papel das professoras no jogo simbólico, ou seja, brincadeira de faz de conta na pré-escola?

ANEXO